

## Diário de uma deriva

Elisa Castro e Rommel Cerqueira

Ventava muito.

O pescador que me emprestava seu barco me aconselhou a não sair para o mar.

Ele me falou que o barco poderia virar e que era muito arriscado.

Ele não poderia se responsabilizar por minha segurança.

Desta vez eu teria que ir sozinha.

Tive medo.

Era um barco pequeno e frágil.

... e talvez tão cansado quanto eu.

Olhei para ele.

Pequeno e frágil.

O vento forte fazia meu ouvido de concha.

Sussurrava.

Havia ruído.

Havia silêncio.

Eu precisava escutar palavra.

Entrei no barco.

Pequena e frágil.

Ela me disse para acalmar minhas vozes...

Disse que se tratava de decifrar meu próprio ritmo... de encontrar minha frequência. Talvez acalmar meu peito para ouvir minhas outras vozes, e, com a percepção mais clara dessas falas, pegar pela mão quem me lê e levar para passear nos meus universos.

A vida é uma estrada para imensidão.

Estrada que se desfaz num chão para se reinventar num mar.

Peguei minhas garrafas e guardei o oceano em pequenas porções.

Me desfiz na névoa e deitei pequenas partes minhas em cada uma delas.

Uma, duas...

três...

quatro...

cinco...

seis...

sete...

oito...

nove horas no mar...

Já não se via terra.

Eu remava/remava/remava/remava/remava/remava/remava/remava  
remavaremovaremovaremovaremovaremovaremovaremovaremovaremovava  
vá! re ma vá! re ma

Meu corpo, quente de sol e sal, suave...

Meus braços doídos de empurrar o remo contra a força da água...

Minha boca ressecada, rachada, sem palavra, sem som, sem nada

Eu não podia mais...

Já não se via terra.

Já não se via.

Cansada, deitei meu corpo queimado e exausto.

Adormeci.

Acordei em olhos que não eram aqueles.

Os ouvidos viram o sol, ou viram o fogo.

De Fato os Fatos, ao pingar lentamente nos ouvidos, ganham olhos.

Alguns vorazes, outros marejados.

Mas os tons ... ricocheteiam com as marés nas paredes do mundo tentando dar corpo à fluidez das águas do pensamento.

E deixa

Deixa o corpo escorrer pelos cabelos de Iemanjá.

e dorme...

dorme...

e só...

Ela me disse para tomar cuidado para não me afogar...

Mas não é afogamento:

É síntese quando meu corpo encontra o mar dentro de cada garrafa.

E depois segue a plenitude quando esse corpo-território se alinha com o horizonte.

Despertei, já era noite.

O mar parecia deserto.

Assustada, procurei os remos.

Não encontrei.

O mar havia levado a minha única ferramenta para controlar o barco.

Desespero.

Eu estava à deriva.

Sentia sede e medo morrer... ou de ficar viva.

Com os olhos marejados, gritei.

Não havia ninguém.

Não havia escuta.

Eu estava no escuro.

Vulnerável.

Perdida num deserto de água.

Eu sentia sede.

Minha pele queimada de sol.

Minhas costas ardiam como se estivesse cortada por mil cacos de vidro.

Dor.

E da chama vem a marca d'água.

A espada sendo forjada pela água e o F.O.G.O...

Pressão.

Impressão.

Expressão.

Imersão.

O corpo abandona a casca velha nas marés.

O corpo reinventa as marés e se reinventa como um novo orixá.

O corpo é mar em garrafa aberta se abrindo pros céus.

E o F.O.G.O é a força da vida que funde os territórios anunciando o porvir.

Amanheceu.

O mar começou a se agitar novamente.

Tormenta.

Ainda com os olhos marejados, vi alguma coisa boiando sobre a água.

Parecia uma grande pedra de gelo. Rapidamente empurrei o barco remando com o braço.

Quando me aproximei vi que o que parecia uma pedra de gelo era uma garrafa com água congelada.

Eu não entendia.

E nem precisava.

Talvez não quisesse.

O que importava era o que se abria.

E nem tanto o que se fechava.

Era o inalcançável aos olhos e à pele.

Era o passo que não encontra o chão e almeja se redesenhar nos contornos das ideias sobre viver.

Pausa.

Pensa.

Respira.

E vai ....

O fogo abriu paredes do eu-mar e eu sorri no reflexo do céu algodão maresia.

No crepúsculo...

Eu descia em mim.

Antes que eu conseguisse alcançar aquela vi outras três. Recolhi rapidamente e coloquei as garrafas dentro de minha pequena embarcação.

Eram distintas.

O mar serenou para que eu as pudesse abri-las.

A primeira a ser aberta foi a que parecia conter um pedaço de nuvem.

Era água e algodão.

Sem pensar, levei o gargalo da garrafa até a boca.

A água era doce.

(Á)vida, eu bebia tudo.

O que não conseguia engolir escorria pelo meu corpo e refrescava minha pele suada.

Virei toda a garrafa até chegar à minha boca um pedaço de nuvem.

Era um pedaço de algodão encharcado de água.

E molhava minhas chagas.

E queimava minha carne o oceano que eu abria em frascos.

Os ouvidos embaralhados, aguavam os olhos... e estes ardiavam na pele.

Ela me desenhava no azul.

Eu a fotografei na névoa.

À noite...

Com a lua ...

Dois oceanos se abrem à deriva...

E o resto ...

o resto são só garrafas lançadas ao mar.